

Leitura de imagens para o entendimento do espaço geográfico

Mafalda Nesi Francischett*

Resumo

Ler uma imagem é mais do que apreciar o seu sentido aparente, pois ela tem significado em uma construção histórica, em determinado momento e lugar. Quase sempre foi pensada e planejada para um dado objetivo. Ler criticamente uma imagem implica aprender apreciar, decodificar e interpretar, analisar tanto a forma, como sua estrutura e função. Da maneira como é apresentada ela permite, ou não, inferir e interferir na leitura e no entendimento dos sujeitos, principalmente quando se trata de escolares, cujos conteúdos representam situações concretas do cotidiano. Ao decidir por apresentar uma imagem ao leitor-aluno, o professor precisa considerar o conteúdo, a forma, o significado, o tempo e o espaço correspondentes. A questão central deste texto é evidenciar a importância do processo de ensino-aprendizagem da linguagem cartográfica na educação escolar: na relação pedagógica, nas implicações do enunciado do autor (da imagem) para o ponto de vista do leitor dela, no contexto do aluno e do conteúdo (tema abordado), na forma como se deve valorizar o tema representado e como ocorre essa relação de aprendizado com este leitor. Ou seja, trabalhar com as representações cartográficas de maneira que possibilitem estudar e aprender ler o mundo. Esta é uma discussão metodológica de ensino-aprendizagem por meio da linguagem cartográfica. Palavras-chave: Educação. Linguagem. Imagem. Livro Didático.

* Professora da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, do Curso de Graduação e de Pós-Graduação; Mestrado em Geografia, Campus de Francisco Beltrão; mafalda@wln.com.br

1 INTRODUÇÃO

Se outrora a humanidade experimentou a passagem do oral à escrita, hoje constatamos a proliferação do emprego do signo imagético. Oliveira (1997) defende a aprendizagem da leitura imagética como um dos direitos fundamentais do cidadão contemporâneo. A leitura crítica da imagem é sugerida como uma aprendizagem emergente que se faz urgente e necessária para que o indivíduo possa enfrentar a avassaladora onda de informações que são postas em circulação pela mídia.

As reflexões, os estudos e a pesquisa na Geografia têm considerado a imagem um recurso didático de extrema importância para o ensino da disciplina por entendê-los como representação primordial para a compreensão do espaço geográfico. Entretanto, estes estudos na Educação ainda são muito raros. Além disso, a representação cartográfica, no campo intelectual, desenvolve a racionalidade para pensar a imagem, naquilo que ela traz como significado, a temática representada no campo das convenções para exprimir o que ocorre no contexto do real.

Acredita-se cada vez mais que, no decorrer do processo ensino-aprendizagem, a imagem didática deve ser mediada, cada vez mais, por concepções de ensino que garantam apoio para o campo do conhecimento que é a área da linguagem, razão pela qual na escola a linguagem cartográfica tem ganhado cada vez mais importância e é ensinada como meio de conhecer e transformar a realidade. Isso se apresenta cada vez mais em conformidade com a tradição dialética mais precisamente com a filosofia de Bakhtin, e, na psicologia, com a escola de Vygotsky. Tal tradição persiste pelo acompanhamento de uma base metodológica específica, denotando empenho na construção da noção de espaço e na sua representação pelo escolar. Em concordância com os estudos psicogenéticos de Vygotsky, ao propor que o desenvolvimento ocorre pelo aprendizado, a interpretação do conteúdo na imagem depende da pré-compreensão da sua linguagem. Assim, só pode explicar um mapa, por exemplo, quem o compreendeu.

Para Girox e McLaren (1995), justificam que a centralidade de uma pedagogia crítica da representação teria como tarefa primordial questionar as múltiplas formas pelas quais a cultura está inscrita por intermédio de representações que a produzem e, ao mesmo tempo, a legitimam, no interior de relações particulares de poder/saber.

Pensar a representação cartográfica pela teoria vygotskyana significa considerar o estudo da linguagem cartográfica nos seus significados culturais, vinculando-os à noção de representações de valores e de identidades sociais. Um estudo sistemático da cultura visual para a compreensão crítica da representação na sua função social vai além da apreciação do estético que as imagens proporcionam, daquilo que elas representam significativamente no espaço e no tempo.

O propósito de pensar a importância da linguagem cartográfica significa ensinar o que ela tem de importante, principalmente que seja valorizada a criatividade do sujeito leitor - neste caso, o aluno - dentro dos objetivos curriculares da escola e no plano do conhecimento da espacialidade que incorpora as ideias de conhecer e transformar.

Nessa relação dialética dialógica, a concepção da linguagem na imagem nasce do diálogo e nela se prolonga, colocando pessoas leitoras em um permanente processo comunicativo. O conteúdo linguístico tem compromisso com a totalidade, com a história e com a prevalência do social que representa. A oportunidade que a imagem oferece pela sua capacidade de apreender realidade expressa-se no processo comunicativo, na decodificação de seus símbolos e signos, fluindo para a linguagem, compreendida como mediadora do real representado. Na perspectiva dialética de ensino entende-se que em uma imagem está representada o conhecimento do homem, ser histórico e social, percebido no concreto das relações sociais. Assim, a metodologia de ensino é baseada no diálogo, supõe o outro e necessita de interação.

Como as demais categorias: espaço, tempo, a linguagem cartográfica encontra-se, direta ou indiretamente, na prática de todos os profissionais da educação, compondo a sua prática educativa, daí a importância de seu significado. Por isso, busca-se uma metodologia de ensino de leitura de imagens que seja adequada para este estilo de representação. Toda imagem é uma representação para além do processo de sua produção, e ela reproduz, também, outros processos de conhecimentos e de relações.

A função mediadora da imagem viabiliza a interação comunicativa entre os indivíduos. O signo se apresenta como um dispositivo social simbólico, arbitrário e histórico, mediador das relações entre os homens, espaço e tempo. A menção ou a referência de algo por outro é a zona de atuação peculiar do signo. Sua função ontológica é estabelecer mediações entre as coisas e os homens (CARLOS, 1998).

2 CONHECIMENTO PELA LINGUAGEM CARTOGRÁFICA NA RELAÇÃO DIALÓGICA

Toda representação gráfica implica uma forma de ver e conceber a realidade, a qual é tratada cientificamente mediante da opção pessoal de determinados pressupostos teóricos e metodológicos. Quanto ao ramo científico, a representação gráfica em mapas ou na própria Cartografia possui um caráter que vai além do técnico-informacional, buscando a essência dos fenômenos cartografados. As relações entre objetos/fenômenos podem ser expressas em uma das seguintes naturezas:

- a) relações quantitativas;
- b) relações de ordem; e
- c) relações seletivas.

Bertin (1978) estabeleceu, em seus estudos, a representação gráfica como gramática da linguagem para os mapas, gráficos e para as redes, apoiada nas leis da percepção visual.

Para Martinelli (1999), a representação gráfica constitui uma linguagem de comunicação visual, bidimensional e atemporal, de caráter monossêmico (significado único). Sua especificidade fundamenta-se no âmago das relações que ocorrem entre os significados dos signos. A tarefa essencial da representação gráfica é transcrever as três relações fundamentais: de diversidade, de ordem e de proporcionalidade, que se pode estabelecer entre objetos por relações visuais de mesma natureza. A diversidade será transcrita por uma diversidade visual; a ordem, por uma ordem visual e a proporcionalidade, por uma proporcionalidade visual. Uma representação gráfica deve ser concebida, no dizer de Martinelli (1999), como a transcrição das relações que existem entre os objetos (locais, temas, informações) por relações visuais de mesma natureza; como meio capaz de revelar o conteúdo da informação, permitindo ao leitor uma reflexão sobre o assunto. O Alfabeto Cartográfico é composto por ponto, linha e área. Para tornar as representações mais práticas e visíveis.

Pela linguagem cartográfica, todo fundamento do enunciado nele proposto está no fenômeno real da linguagem, ou seja, o discurso de quem fala, neste caso, o

autor do mapa, da imagem, para quem ouve, o leitor do mapa, da imagem. E como estrutura socioideológica busca-se na escola aprender a linguagem no diálogo dos sujeitos como a representação da realidade concreta decodificada na linguagem.

A cor é um enunciado que sempre fez parte da vida dos homens e na sua evolução foi sendo produzida pela própria sociedade. Embora haja sempre uma reação particular e subjetiva do indivíduo à cor, ela adquiriu certos significados nas mais variadas culturas, hoje, convencionais. As cores constituem estímulos psicológicos, adquirem significados, que vão desde as cores patrióticas presentes nas bandeiras das nações, até o universo do branco, por exemplo, definido como a cor da paz; ou, ao amarelo da luz, o azul do céu ou do mar, estes vêm desde a Antiguidade. O vermelho sempre foi excitante. Ele atrai em um primeiro momento para depois repelir. As cores “quentes” e “frias” parecem relacionar-se com a sensação de calor e frio. Tais percepções são puramente psicológicas, não implicando, portanto, nenhuma sensação térmica nas pessoas. Há, igualmente, preferência pelas cores, que pode variar mais com a idade que com o lugar de vivência dos indivíduos. Nesse sentido, numa escala sequencial, o azul estaria em primeiro lugar. Depois viria o vermelho para chegar aos violetas e verdes tidos até como desagradáveis. O mesmo se pode dizer das tonalidades: as claras são preferidas às escuras, sombrias (MARTINELLI, 1999).

A meta perseguida nesta abordagem de leitura é a de explorar as representações a partir das características gráficas, procurando nelas as simbologias sociais, culturais e históricas. Todo enunciado tem uma espécie de autor que, no próprio enunciado, é ouvido como seu criador. Os tipos de relações dialógicas apresentadas entre dois sujeitos no diálogo podem ocorrer face a face ou entre duas obras de um mesmo autor, ou de autores diferentes. Basta ter um sujeito leitor para o diálogo se expandir a outros sujeitos.

Para um perfeito entendimento da imagem são quatro os aspectos determinantes para garantir o processo da ação dialógica: imagem, autor, leitor e mediador. Movidos dialeticamente pela ação que os integra individualmente e no coletivo, o leitor considera os atributos e funções específicas, a saber:

- a) a imagem como enunciado da comunicação cartográfica;
- b) autor é o sujeito que cria a imagem e também quem a apresenta na ação;

- c) leitor é o sujeito que se comunica com a imagem para dele obter a ação dialógica representativa; e,
- d) mediador são todos. A imagem é o recurso mediador entre o autor e o leitor na ação dialógica comunicativa. O autor é o mediador entre a imagem e sua representatividade. O leitor é o mediador entre o autor e a ação dialógica comunicativa.

Mediante uma ação comunicativa integral, composta por efetiva interação entre o mapa, o autor e o leitor desenvolvem-se na ação dialógica, cuja mediação dá-se pela linguagem constituída na leitura. Em outra situação, quando se trata de aprendizagem dirigida por alguém mais esclarecido, que entende as categorias simbólicas presentes neste enunciado e as interpreta. No meio escolar, geralmente esse processo é mediado pelo professor ou colega. As características essenciais para se escolher um mapa são: conteúdo, forma e material.

Ao decidir apresentar um mapa ao leitor escolar é preciso considerar o *conteúdo*: a temática apresentada, o que ele objetiva apresentar, o significado dele na temática específica do enunciado. A *forma*: como o conteúdo está significado na representação em relação ao tempo, a cultura, a mensagem ideológica e a equidade social e sobre o *material*: a qualidade que possibilita clareza e a estética do enunciado.

No mapa isso tudo ganha significado por meio das cores, da legenda, da escala, na clareza como os significados dos símbolos são compostos. Qualquer enunciado é expressão e produto da interação social de três participantes: o falante (autor), o interlocutor (leitor) e o tópico da fala (o tema). O fato é que nenhum ato consciente pode existir sem a fala interior, sem palavras, entonações e avaliações; todo ato consciente é já um ato social, um ato de comunicação. Duas atividades podem dar sentido à leitura do mapa: a atividade analítica e a sintética. A atividade analítica dirige-se da atividade constitutiva da mancha textual, para a seleção dos elementos aos quais dá vida ou silencia; é um olhar voltado para a temática que resulta na visão do sistema semiótico e das escolhas efetuadas pelo autor do mapa. A atividade sintética refere-se ao que o leitor realiza, quando, dado o mapa, ele raciocina para tentar estabelecer o efeito de sentido que busca construir em relação a ele; é uma atividade de cunho projetivo, prospectivo e informativo.

Importante se faz salientar que a oralidade não é somente o falado, mas tudo o que sustenta a discursividade sobre uma realidade. Assim, o mapa é composto por um conjunto de signos registrados por um discurso do autor em um tempo e espaço representado e compõe uma linguagem. A escolha metodológica no tratamento analítico das práticas linguísticas no mapa, no que tange à materialidade do discurso escolar, permite, ou não, a compreensão de alguns significados da Geografia; a diferença dá-se especificamente pela intermediação da linguagem cartográfica; nesta, trabalha-se com a materialidade discursiva do cotidiano; na leitura do mapa, considera-se o discurso pedagógico para dar sentido ao ensino e à aprendizagem.

Ao atingir os leitores escolares, o mapa deixa de ser somente um material comunicativo para se tornar didático; é um veículo de comunicação com papel de formador de opinião. O mapa não “fala” de qualquer lugar, não se trata de um discurso qualquer. O mapa “fala” um discurso de um espaço social que lhe confere autoridade, sustentado por uma hierarquia legalizada, de um veículo de comunicação, que é nacional, porta voz, um dos mais renomados intelectualmente.

Deve-se continuar na luta para encontrar a metodologia ideal para a melhor apresentação do mapa ao leitor. Martinelli (1999) sugere “a clareza” como a principal regra, que continua a ser a mais indicada na atualidade. Não basta a certeza da percepção elementar de cada signo isoladamente, deve-se atingir a leitura em nível de conjunto, principalmente em se tratando de mapa escolar, cujo propósito é a compreensão cognitiva do leitor. É essa regra pela qual se optou procurar pela melhor forma de apresentar o mapa ao aluno. Assim, começa a se esboçar a busca por uma orientação metodológica para a construção de mapas temáticos que permitam fácil apreensão de seu conteúdo.

Ao se propor um olhar para o mapa, vai-se ao encontro dos princípios de Martinelli (1999) considerando que três objetivos podem ser minimamente perseguidos no que tange à apresentação do mapa ao leitor: um deles, o fato de demonstrar como um mapa pode e deve ser apresentado, mostrando-se o processo seletivo de escolha que aconteceu no processo da sua tessitura e a que intencionalidade de tal atitude deu corpo. O outro, chamar a atenção para a necessidade de se buscar mecanismos que permitam ao leitor enfrentar uma suposta renúncia à atribuição de sentido dos mapas “abstratos” com que se depara. Por fim, e perifericamente, buscar-se-á atentar para o fato de que o olho que vê, mas não

entende, possa denunciar isso, devendo, portanto, haver um fundo de razão no postulado da sua existência e este, talvez seja, efetivamente, um dos sintomas da cultura característica da educação moderna, marcada pela pressa, pelo espalhamento, pela turbulência e pela avalanche de informações que não chegam a tomar corpo em formas mais acabadas de organização reflexiva e cognitiva do aluno.

3 A FUNÇÃO DETERMINA A LINGUAGEM CARTOGRÁFICA

A representação apenas opera uma mediação arbitrária de associação sgnica entre as coisas e os homens a fim de viabilizar o processo de comunicação e sociabilidade humana [...] A representação só é possível por meio do processo de significação de algo existente. O existente presentificado mediante a representação é o componente referencial do processo de significação. Não se representa o inexistente. No plano do conhecimento, a função designativa e representativa é uma condição necessária. A construção do conhecimento científico é devedor dessa função sgnica (CARLOS, 1998).

A importância do mapa na Educação depende de como é desempenhada sua função. Ao ensiná-lo, deve-se seguir os aspectos triádicos nos seus elementos. São eles: 1) a entidade que representa; 2) a entidade que é representada; 3) a entidade para a qual a primeira representa à segunda. Numa relação em que a primeira representa a segunda para a terceira; a segunda e a terceira como objeto e sujeito respectivamente. No caso: 1) o mapa; 2) mapa/imagem/representação; 3) o mapa apresentado ao aluno. O sentido norteador para o professor mediador é: como o mapa se apresenta e representa para o aluno, qual é a função e a relação entre os três elementos na comunicação cartográfica.

Os mapas precisam ser estudados conforme as suas categorias e funções didáticas: observar as relações possíveis entre imagem-texto-conteúdo e a definição de “imagem-representação”, analisando os possíveis vínculos entre os termos e abordagens. Para entender como o mapa é apresentado ao leitor escolar é fundamental considerar que esse material bibliográfico extrapola seu lado aparente e necessita do entendimento de sua gênese em sua estrutura. Bertin (1978) sugere que toda representação cartográfica proposta por um autor que observa o mundo real, depois de passar pelas mãos de um receptor ou usuário,

deve ser acrescentada ou, no mínimo, avaliada em sua capacidade de comunicar ou informar sobre a realidade representada.

A representação gráfica revela-se comunicação visual mediante linguagem monossêmica, excluindo-se da abordagem todas as demais produções gráficas e/ou grafismos, que são polissêmicos. Segundo Bertin (1978), a linguagem monossêmica objetiva evidenciar as relações fundamentais entre os objetos, que são de três tipos: a) de diversidade (\neq), em que as diferenças são evidenciadas; b) de ordem (O) ou hierarquização; e c) de proporção (Q) ou evidências quantitativas, as quais devem ser transcritas por relações visuais da mesma natureza.

As relações entre objetos/fenômenos podem ser expressas em uma das seguintes naturezas: a) *relações quantitativas*, quando os dados são numéricos e permitem estabelecer proporção entre os objetos/fenômenos; b) *relações de ordem*, quando os dados não permitem estabelecer proporção, mas apresentam uma hierarquia visível entre os objetos/fenômenos; e c) *relações seletivas*, quando os dados permitem estabelecer relações de ordem e de proporção. Portanto, os objetos/fenômenos são apenas diferentes (ou semelhantes) entre si.

Martinelli (2007) sugere apresentar um exemplo e comentá-lo à luz de tudo o que foi apresentado. Para isso, apresenta-se o mapa hipsométrico, hidrográfico do estado do Paraná, bastante simplificado, em escala pequena, elaborado como atividade especificamente para este fim didático.

A função da representação gráfica é transcrever as três relações fundamentais: diversidade, ordem e proporcionalidade entre os objetos por analogias visuais da mesma natureza. Como as variáveis e suas respectivas propriedades, perceptivas se apresentam nos mapas seguintes?

No mapa, têm-se muitas localizações, indicadas por ponto, linha, polígono. O que interessa é que os alunos vejam e estabeleçam as relações que existem entre as “características” das localizações, cujas relações podem ser de \neq , O, Q (que equivalem à diferença, ordem e quantidade). A visualização da “imagem” composta revelará o conteúdo da informação! Se o mapa não conseguir isso, será inútil. Os mapas devem ser elaborados visando a essa perspectiva e os alunos preparados para a leitura da legenda; primeiro lendo o que cada signo significa, depois reconhecendo as relações que existem entre os signos. Com esse aprendizado, resgata-se a informação que o mapa revelou. Para isso, salienta Martinelli (2008), deve-se sempre estar munido das regras básicas da

gramática da linguagem dos mapas. Considerar as variáveis visuais e suas propriedades perceptivas (\neq , O, Q), a adequação dos métodos de representação à forma como se apresenta a realidade e escolher o método de representação adequado, tudo isso indica os rumos para o elaborador do mapa.

Não fazer perguntas à imagem soa como se ela não tivesse nada a dizer. Esse procedimento forja uma consciência que elimina da forma e conteúdo da imagem as marcas dos diversos tipos de conhecimentos, de valores, de ideologias, de sentimentos, de desejos, de interesses, de visões de mundo, de sonhos, de prazeres, de dores, de ilusões, de história que delineiam sua existência como signo.

4 CONCLUSÃO

O mapa é uma construção para o outro. Ele não tem sentido, principalmente na escola, se não for considerado para comunicar algo ao aluno. Ao escolher um mapa para compor o ensino é preciso considerar o seu caráter didático para e localizar e situar o leitor. Generalizar os espaços estudados para garantir uma leitura homogeneizada não significa que não se deva estudar as especificidades. A interpretação do conteúdo depende da pré-compreensão da linguagem do mapa. Assim, só explica o mapa quem o compreendeu. Se a linguagem forma o pensamento, o conhecimento sobre o espaço do aluno depende se ele entendeu a ler representação. Ler criticamente um mapa implica aprender, apreciar, decodificar e interpretar, analisando tanto a forma como é construído quanto o que dele se infere e como interfere na vida dos leitores, principalmente em se tratando de escolares e cujos conteúdos representam situações concretas.

Na linguagem cartográfica é importante que se considere a ontologia do ser humano a partir do espaço vivido, da existência, da identidade no espaço. Para que haja um espaço-tempo permanente, num lugar chamado escola, deve-se pensar a geograficidade da existência humana. Assim, não há como pensar a Geografia sem linguagem e sem representação. A primeira é que nos faz conhecer o legado das descobertas humanas, podendo continuá-las; e a segunda é a única maneira de apreendermos algo que não esteja no tempo e no espaço somente vivido e visível, mas tudo o que foi registrado.

A qualidade no ensino e leitura de imagem está no processo que possibilite ver, ler e conceber o mundo; é a forma crítica de pensar a formação do aluno,

como o sujeito/indivíduo que vai inteirar-se do mundo, perceber a realidade e revelar-se, isto é, de diferentes formas, de acordo com sua história, com suas circunstâncias, com sua vida e com o indissociado movimento da sociedade.

É preciso ensinar a partir da ciência e não da disciplina. Assim, o mapa estará possibilitando construir o conhecimento a partir do concreto que, neste caso, é o real, que ele representa e que na sala de aula em que ele atua com o aluno é preciso que haja interação dele com os sujeitos.

Para que o sujeito aluno aprenda a linguagem dos mapas, é importante que ele tenha acesso e contato com o mapa, para que possa manuseá-lo, vê-lo e decifre sua linguagem, ainda que seja de modo insatisfatório ou só por conta de seu interesse, sem mediação didática pedagógica adequada. É melhor que o aluno tenha acesso ao mapa do que venha carecer por completo dessa oportunidade, pois é, principalmente, durante o tempo de transição pedagógica que passa na escola que ele terá, ou não, a oportunidade de conhecer a essência do mapa.

É comum encontrar aluno que demonstra interesse em olhar e ver o mapa. Dificilmente se encontram alunos que não manifestam esse desejo, mas é comum também encontrar professor que não tenha a mesma atitude, nem perspectiva. Isso leva à afirmação de que o mapa é difícil de entender tanto para o aluno quanto para o professor; são afirmações que revelam algumas das fragilidades na formação e desvela a falta de pesquisa no ensino, principalmente, de Geografia.

O mapa ocupa um lugar de destaque na Geografia porque é, ao mesmo tempo, instrumento de trabalho, registro e armazenamento de informação, além de um modo de expressão e comunicação, uma linguagem gráfica.

O abandono do mapa nas escolas brasileiras acentuou-se na década de 70 com a eclosão tecnológica que atingiu especificamente a Geografia; a técnica tornou-se o símbolo maior da dominação científica e tudo o que pudesse representar ou estar relacionado à Geografia tradicional foi marginalizado e, nesse caso, no ensino de Geografia o mapa “carrega” o legado de “instrumento neutro” ou com ranço de velharia.

Acerca de qual mapa é apresentado ao aluno e a dificuldade de se trabalhar com o mapa, será mais eficiente se o professor tiver a possibilidade de contar com ele para um usuário específico: o aluno conforme o que estejam estudando.

Existe a falsa ideia de que trabalhar o mapa para localizar é metodologicamente incorreto, uma vez que tradicionalmente, tenha sido usado para isto. É bom

entender que a principal função do mapa é localizar e a localização concreta do lugar garante sua materialidade específica. Por isso, sua existência pontual não exclui o mundial. Em vez da exclusão do mapa, da foto e da imagem no ensino, desejamos sua inclusão. Para isso contamos com o auxílio da linguagem cartográfica.

Abstract

Read an image is more than appreciate its apparent meaning because it has meaning in a historical building at any given time and place. And almost always, was conceived and planned for a particular purpose. Read critically involves learning to appreciate a picture, decode and interpret, analyze form, structure and function. The way it is presented to allow or not to infer and interfere with the reading and understanding the subject. Mainly, if they are students and whose contents represent concrete situations of everyday life. In deciding to present an image to the reader and student, the teacher needs to consider the content, form, meaning, time and space involved. The central question of this paper is to highlight the importance of teaching and learning process of cartographic language in school education: the pedagogical relationship, the implications of the statement of the author (the image) to the point of view of the reader it in the context of student and content (matter dealt with), in how they should value the subject represented and how is this learning relationship with this reader. That is, work with cartographic representations in ways that make it possible to study and learn to read the world. This is a methodological discussion of teaching and learning through language mapping.

Keywords: Education. Language. Picture. Textbook.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**, Tradução Michel Lahud, Yara Frateschi Vieira, 9. ed., São Paulo: Hucitec, 2002.

BERTIN, Jacques **Teoria da Comunicação Gráfica**. Tradução Marcello Martinelli. São Paulo: FLCH/USP, 1978.

CARLOS, Erenildo João. **Desvelando a presença do discurso metanarrativo no currículo escolar - um estudo mediado pelo livro didático**. 1998. 127f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Federal de João Pessoa, 1998.

_____. O texto em questão: re-significação conceitual e implicações pedagógicas. **Revista Conceito**. p. 61-73, jul./dez., 2002.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. **A Cartografia no Ensino de Geografia – Construindo os Caminhos do Cotidiano**. Rio de Janeiro: Litteris, 2002.

GIROUX, Henry A.; MCLAREN, Peter L. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomaz da; MOREIRA, Antonio Flávio (Org.). **Territórios contentados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais**. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARTINELLI, Marcello. A Sistematização da Cartografia Temática. São Paulo: Moderna, 1999. In: ALMEIDA, Rosângela Doin de (Org.). **Cartografia Escolar**, São Paulo: Contexto, 2007.

MATIAS, Lindon Fonseca. **Por uma Cartografia Geográfica – uma Análise da Representação Gráfica na Geografia**. 1996. 179f. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e ciências Humanas. Departamento de Geografia, São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, Newton ramos de. Reflexões sobre a educação danificada. In: ZUIN, Antonio Álvaro Soares (Org.). **A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação**. Petrópolis: Vozes, São Carlos: Universidade federal de São Carlos, 1997.

VYGOTSKY, Lev. S. **A Formação Social da Mente**, São Paulo: Martins Fontes, 1984.

Recebido em 16 de novembro de 2011

Aceito em 22 de dezembro de 2011

